

JULIE ORRINGER

A ponte invisível

Tradução
Rubens Figueiredo



Copyright © 2010 by Julie Orringer

A tradução do poema “Todo o caso”, de Wisława Szymborska, foi feita por Júlio Sousa Gomes a partir do original em polonês e publicada em *Paisagem com grão de areia*, pela Relógio D’Água Editores, em 1998.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The invisible bridge

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

© Massimo Listri/ CORBIS/ Corbis (DC)/ Latinstock
© Paul Photography/ Getty Images

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orringer, Julie

A ponte invisível / Julie Orringer ; tradução Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The invisible bridge.

ISBN 978-85-359-2012-3

1. Ficção - Literatura norte-americana I. Título.

11-12760

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

PARTE I: A RUA DAS ESCOLAS

1. Uma carta, 13
2. O expresso da Europa Ocidental, 26
3. O Quartier Latin, 37
4. École Spéciale, 46
5. Théâtre Sarah-Bernhardt, 66
6. Trabalho, 76
7. Um almoço, 88
8. Gare d'Orsay, 100
9. Bois de Vincennes, 114
10. Rue de Sévigné, 121
11. Férias de Natal, 135

PARTE II: ESPELHO PARTIDO

12. O que aconteceu no ateliê, 157
13. O visitante, 175
14. Corte de cabelo, 200
15. No Tuileries, 205
16. O chalé de pedra, 218

17. Sinagoga de La Victoire, 245
18. Café Bédouin, 255
19. Um beco, 262
20. Um homem morto, 280

PARTE III: PARTIDAS E CHEGADAS

21. Um jantar festivo, 293
22. Signorina Di Sabato, 300
23. Ginásio esportivo Saint-Germain, 323
24. O S. S. *Île de France*, 347
25. O consulado húngaro, 362

PARTE IV: A PONTE INVISÍVEL

26. Transcarpácia, 379
27. O *Ganso Branco*, 399
28. Licença, 411
29. O acampamento de Bánhida, 432
30. Barna e o general, 472
31. Tamás Lévi, 490
32. Pátio ferroviário de Szentendre, 517
33. Travessia para o leste, 544

PARTE V: EM CHAMAS

34. Turka, 571
35. Os tártaros na Hungria, 600
36. Um incêndio na neve, 616
37. Uma fuga, 636
38. Ocupação, 657
39. Adeus, 664
40. Pesadelo, 672
41. Os mortos, 690
42. Um nome, 708

Epílogo, 717
Todo o caso, 721
Agradecimentos, 723

PARTE I
A rua das escolas

1. Uma carta

Mais tarde, ele contaria a ela que a história dos dois começou na Ópera Real da Hungria, na noite anterior à sua partida para Paris no Expresso da Europa Oriental. O ano era 1937; o mês era setembro, a noite estava mais fria que o normal para a estação do ano. Seu irmão tinha feito questão de levá-lo à ópera como um presente de despedida. O espetáculo era *Tosca* e seus assentos ficavam na parte mais alta do teatro. Não eram para eles os três pórticos de mármore em arcos, a fachada com suas colunas coríntias e as bases das colunas cobertas de relevos heróicos. Para eles havia uma modesta entrada lateral com um bilheteiro de cara vermelha, um piso de madeira gasto, paredes cobertas por cartazes de ópera descascando. Garotas com vestidos que batiam nos joelhos subiam a escada de braços dados com jovens de terno puído; aposentados discutiam com suas esposas de cabelo branco enquanto arrastavam os pés pelos cinco andares de escada estreita. No alto, um rumor alegre: um salão refrigerado revestido de espelhos e bancos de madeira, o ar enevoado por fumaça de cigarro. Na ponta, uma porta dava para a sala de concerto propriamente dita, a vasta sala em forma de caverna, com um afresco no teto que representava gregos imortais, com frisos dourados e redondos. Andras nunca achou que fosse ver uma ópera ali, e não teria mesmo visto, caso Tibor não tivesse comprado os ingressos. Mas na opinião de Tibor a residência em Budapeste

peste devia incluir pelo menos uma noite de Puccini na Operaház. Agora Tibor se debruçava no parapeito a fim de apontar o camarote do almirante Horthy, vazio naquela noite, a não ser por um velho general em paletó de hussardo. Mais abaixo, recepcionistas de smoking guiavam homens e mulheres até seus assentos; os homens em traje de gala, os penteados das mulheres cintilantes por causa das joias.

“Quem dera Mátyás pudesse ver isto”, disse Andras.

“Ele vai ver, Andráska. Virá a Budapeste quando tiver feito o exame para entrar na faculdade e depois de um ano estará enjoado deste lugar.”

Andras teve de sorrir. Ele e Tibor tinham se mudado para Budapeste assim que terminaram o ginásio em Debrecen. Todos eles tinham sido criados em Konyár, um povoado nas planícies orientais, e para eles também um dia a capital pareceu ser o centro do mundo. Agora Tibor tinha planos de ir para a Itália estudar medicina e Andras, que morava ali fazia só um ano, estava de partida para estudar em Paris. Até chegar a notícia da École Spéciale d’Architecture, eles achavam que Tibor seria o primeiro a partir. Fazia três anos que trabalhava como vendedor numa sapataria na Váci Utca, enquanto economizava dinheiro para sua educação e queimava as pestanas com livros de medicina à noite, de modo tão desesperado como se estivesse tentando salvar a própria vida. Quando Andras foi morar com ele um ano antes, a partida de Tibor parecia iminente. Já havia passado nas provas da faculdade de medicina em Modena e feito a inscrição. Ele achava que levaria seis meses para ser admitido como aluno e obter seu visto de estudante. Em vez disso, a faculdade deixou-o numa lista de espera para estrangeiros e Tibor foi avisado de que poderia demorar mais um ou dois anos para ser matriculado.

Tibor não disse nenhuma palavra a respeito da própria situação desde o momento em que Andras recebeu a notícia de sua bolsa de estudos, nem demonstrou o menor sinal de inveja. Em vez disso, comprou os ingressos para a ópera e ajudou Andras a fazer seus planos. Então, enquanto as luzes iam diminuindo e a orquestra começava a afinar os instrumentos, Andras foi visitado por uma vergonha secreta: embora soubesse que ficaria feliz por Tibor caso estivessem em situação inversa, desconfiava que teria dificuldade para esconder seu ciúme.

Em uma porta lateral no fosso da orquestra, um homem alto e esguio, com uma cabeleira que lembrava labaredas, apareceu e subiu uma escada até o foco

de luz. A plateia aplaudiu e gritou em saudação enquanto o homem caminhava rumo ao pódio do maestro. Curvou-se três vezes em agradecimento e ergueu as mãos para a plateia para que as pessoas se aquietassem; em seguida voltou-se para os músicos e levantou sua batuta. Após um momento de palpante imobilidade, uma torrente de música saiu dos metais e das cordas e penetrou no peito de Andras, enchendo sua caixa torácica a ponto de ele quase não conseguir respirar. A cortina de veludo ergueu-se para revelar o interior de uma catedral italiana, com detalhes requintados reproduzidos em esmerada minúcia. Janelas de vitral irradiavam luz âmbar e azul-celeste e um afresco incompleto de Maria Madalena se exibia com ar espectral contra uma parede de gesso. Um homem em uniforme listrado de presidiário esgueirou-se na igreja para esconder-se numa das capelas escuras. Um pintor veio trabalhar no afresco, seguido por um sacristão empolgado em ajudá-lo a limpar seus pincéis e panos antes de começar o próximo trabalho. Em seguida entrou a diva da ópera, Tosca, o modelo para Maria Madalena, sua saia carmim rodando em volta das canelas. A canção voou alto e pairou no ar da abóbada pintada da Operaház: o tenor com timbre de clarinete que representava o pintor Cavaradossi, o rotundo baixo que representava o fugitivo Angelotti, a calorosa soprano adamascada que era a ficcional diva Tosca, representada pela autêntica diva húngara Zsuzsa Toronyi. O som era tão encorpado, tão tangível, que Andras teve a impressão de que poderia debruçar-se no parapeito e agarrar punhados dele com a mão. O próprio prédio tinha se transformado num instrumento, e Andras pensou: a arquitetura expandia, completava, amplificava e continha o som.

“Never vou me esquecer disso”, sussurrou para o irmão.

“É melhor não esquecer mesmo”, sussurrou Tibor em resposta. “Espero que me leve à Ópera de Paris quando eu for visitá-lo.”

No intervalo, tomaram café na sala de repouso e conversaram a respeito do que tinham acabado de ver. A recusa do pintor em trair seu amigo teria sido um ato de lealdade abnegada ou uma bravata para se autoglorificar? O fato de ter resistido à tortura que se seguiu deveria ser interpretado como uma sublimação de seu amor sexual por Tosca? Será que a própria Tosca teria apunhalado Scarpia se sua profissão não a tivesse ensinado tão bem os recursos do melodrama? Havia um prazer doce e amargo na conversa; quando menino, Andras passava horas ouvindo Tibor debater questões de filosofia, esporte e literatura com os amigos e ansiava pelo dia em que ele mesmo fosse capaz de

dizer algo que Tibor achasse sagaz ou incisivo. Agora os dois tinham se tornado iguais, ou algo próximo disso, Andras estava de partida, ia embarcar num trem que o levaria a centenas de quilômetros dali.

“O que foi?”, perguntou Tibor, com a mão na manga de Andras.

“Fumaça demais”, ele respondeu e tossiu, desviando os olhos dos do irmão. Ficou aliviado quando as luzes piscaram para assinalar o fim do intervalo.

Após o terceiro ato, quando os inúmeros sobe e desce da cortina terminaram — os mortos Tosca e Cavaradossi milagrosamente ressuscitaram e o malvado Scarpia sorriu docemente na hora em que recebeu uma braçada de rosas vermelhas —, Andras e Tibor avançaram aos empurrões rumo à saída e desceram pela escada abarrotada de gente. Do lado de fora, uma tênue dispersão de estrelas se avistava no alto, por cima da camada de luz que a cidade emitia. Tibor pegou o braço do irmão e conduziu-o para o lado do prédio em Andrassy, onde os espectadores do balcão nobre e da plateia saíam em torrentes pelos três pórticos de mármore em arco, na entrada principal.

“Quero que você dê uma olhada no foyer principal”, disse Tibor. “Vamos dizer ao porteiro que deixamos algo lá dentro.”

Andras seguiu-o através do portão principal e entraram no salão iluminado por candelabros, onde uma escada de mármore conduzia à galeria. Homens e mulheres em trajes de gala desciam, mas Andras só via a arquitetura: moldes decorativos de formato oval ao longo da escada, a abóbada no alto, as colunas coríntias que sustentavam a galeria. Miklós Ybl, um húngaro de Székesfehérvár, tinha vencido um concurso internacional para o projeto da ópera; o pai de Andras tinha lhe dado de presente um livro de desenhos arquitetônicos em seu oitavo aniversário e ele havia passado muitas tardes compridas estudando aquele local. Enquanto o público de saída passava por ele, Andras erguia os olhos e fitava a abóbada do teto, tão concentrado em reconciliar aquela versão tridimensional com os desenhos planos gravados em sua memória que mal se deu conta quando alguém parou na sua frente e falou. Teve de piscar e forçar-se a focalizar uma pessoa, uma mulher grande que lembrava um pombo, num casaco de pele de zibelina, e que parecia estar pedindo licença. Andras se curvou e deu um passo para o lado a fim de permitir que passasse.

“Não, não”, ela disse. “Você está exatamente no lugar onde quero que fique. Mas que sorte a minha encontrar você aqui! Nunca descobriria como encontrar você.”

Andras lutou para lembrar quando e onde podia ter encontrado aquela mulher. Um colar de diamantes cintilava em seu pescoço e a saia do vestido de seda cor-de-rosa se derramava por baixo de sua peliça; o cabelo castanho da mulher estava arrumado numa touca de cachos muito compactos. Ela tomou o braço de Andras e levou-o para a escada na frente da ópera.

“Não era você que estava no banco no outro dia?”, ela perguntou. “Era você que estava com o envelope cheio de francos, não era?”

Então ele a reconheceu: Era Elza Hász, mulher do diretor do banco. Andras tinha visto a mulher algumas vezes na grande sinagoga na Dohány Utca, onde ele e Tibor às vezes assistiam à cerimônia religiosa da sexta-feira à noite. Dias antes, no banco, Andras havia esbarrado com a mulher na hora em que ela atravessava a sala de espera; Elza Hász deixou cair a caixa de chapéu listrada que estava levando e Andras por sua vez soltara o envelope de francos. O envelope abriu, as notas verdes e cor-de-rosa caíram e o dinheiro esvoaçou em volta dos pés dos dois como se fosse confete. Andras tirou a poeira da caixa de chapéu e devolveu-a à mulher, depois a viu desaparecer por uma porta com a placa SALA PRIVATIVA.

“Você parece ter a idade do meu filho”, ela disse. “E a julgar pelo seu dinheiro, deve estar de partida para estudar em Paris.”

“Amanhã de tarde”, ele disse.

“Você pode me fazer um grande favor. Meu filho está estudando na Beaux-Arts e quero que você leve uma encomenda para ele. Seria um inconveniente terrível demais para você?”

Passou um momento antes que Andras pudesse responder. Aceitar levar uma encomenda para alguém em Paris significava que ele estava de fato indo embora, que tinha a intenção de partir e deixar seus irmãos, seus pais e seu país para trás e adentrar na vasta e desconhecida Europa Ocidental.

“Onde mora o seu filho?”, perguntou.

“No Quartier Latin, é claro”, ela respondeu, e riu. “No sótão de um pintor, e não numa casa de campo charmosa como o nosso Cavaradossi. Embora ele me diga que tem água quente e uma vista para o Panthéon. Ah, lá está o carro!” Um sedã cinzento estacionou junto ao meio-fio e a sra. Hász ergueu o braço e fez sinal para o motorista. “Venha amanhã antes do meio-dia. Benczúr Utca, número 26. Vou estar com tudo pronto.” Puxou a gola do casaco mais perto do rosto e desceu correndo para o carro, sem parar para olhar Andras.

“Puxa!”, disse Tibor, indo juntar-se a ele na escada da porta. “Pode me contar que história é essa?”

“Vou virar um mensageiro internacional. Madame Hász quer que eu leve uma caixa para seu filho em Paris. Nós nos conhecemos no banco outro dia, quando fui trocar *pengő* por francos.”

“E você aceitou?”

“Aceitei.”

Tibor deu um suspiro, olhando para os bondes que passavam pelo bulevar. “Vai ser muito maçante ficar aqui sem você, Andráska.”

“Bobagem. Daqui a uma semana você vai estar com uma namorada.”

“Ah, sim. O que não falta são garotas loucas para conhecer um vendedor de sapatos sem um tostão no bolso.”

Andras sorriu. “Finalmente, um pouco de autopiedade! Eu estava começando a me aborrecer com você por ser tão generoso e cabeça fria.”

“Nem um pouco. Eu seria capaz de matar você por ir embora. Mas de que adiantaria? Assim nenhum de nós iria para o exterior.” Ele sorriu de leve, mas seus olhos estavam sérios por trás dos óculos de aros prateados. Tomou o braço de Andras e o puxou pela escada, para baixo, cantarolando alguns compassos da abertura da ópera. O prédio onde moravam, na Hárfa Utca, ficava a apenas três quarteirões; quando chegaram à porta, pararam para respirar pela última vez o ar da noite, antes de subir para o apartamento. O céu acima da Operaház tinha um tom laranja claro, com o reflexo das luzes, e as sinetas dos bondes no bulevar ecoavam. Na penumbra, Tibor parecia a Andras tão belo quanto uma lenda do cinema, seu chapéu meio tombado num ângulo atrevido, sua echarpe de noite, de seda branca, jogada por cima do ombro. Naquele momento Tibor parecia um homem pronto a enveredar por uma vida emocionante e livre de convenções, um homem muito mais capacitado do que Andras a embarcar num vagão de trem rumo a um país estrangeiro e conquistar lá seu lugar no mundo. Em seguida ele piscou e puxou a chave do bolso, e um momento depois os dois subiram a escada apostando corrida, como meninos do ginásio.

A sra. Hász morava perto do Városliget, o parque da cidade, com seu castelo de conto de fadas e suas casas de banho públicas em estilo rococó. A casa na Benczúr Utca era uma *villa* ao estilo italiano, de estuque amarelo e creme,

cercada de três lados por jardins ocultos; o topo de um renque de árvores se erguia por trás de um muro branco de pedra. Andras conseguia distinguir o débil rumor da água de um chafariz e o roçar na terra do ancinho de um jardineiro. Ocorreu-lhe que aquele era um local implausível para uma família judia morar, mas na entrada havia uma *mezuzah* pregada ao portal — um cilindro prateado envolto em hera dourada. Quando apertou o botão da porta, uma campainha de cinco notas ressoou lá dentro. Em seguida veio o som da batida de saltos no mármore e a abertura de ferrolhos pesados. Uma criada de cabelo grisalho abriu a porta e conduziu-o para dentro. Andras entrou num saguão abobadado com o piso de mármore cor-de-rosa, uma mesa marchetada, um feixe de copos-de-leite num vaso chinês.

“Madame Hász está na sala de estar”, disse a criada.

Andras seguiu-a através da saleta de entrada e cruzou um corredor com o teto em arco; pararam diante de uma porta através da qual ele pôde ouvir o crescendo e o decrescendo de vozes de mulheres. Não conseguia distinguir as palavras, mas estava claro que havia uma discussão em andamento: uma voz elevou-se, chegou ao clímax e declinou; a outra, mais calma que a primeira, ergueu-se, insistiu e ficou em silêncio.

“Espere aqui um momento”, disse a criada, e entrou para anunciar a chegada de Andras. Ao anúncio, as vozes trocaram outra breve saraivada de palavras, como se a discussão tivesse algo a ver com o próprio Andras. Em seguida a criada reapareceu e conduziu o rapaz para o interior de uma sala ampla e iluminada que cheirava a torradas com manteiga e flores. No chão, havia tapetes persas cor-de-rosa e dourados; poltronas brancas forradas em pano adamascado estavam dispostas num arranjo próprio para conversar, junto com dois sofás de cor salmão e uma mesinha de centro com um vaso de rosas amarelas. A sra. Hász tinha se erguido de sua poltrona no canto. A uma escrivaninha perto da janela, estava sentada uma mulher mais velha, em traje de luto de viúva, o cabelo coberto por um xale de rendas. Tinha na mão uma carta com lacre de cera, que colocou em cima de uma pilha de livros e prendeu embaixo de um peso de papel feito de vidro. A sra. Hász cruzou a sala a fim de receber Andras e apertou a mão do jovem com sua mão fria e grande.

“Obrigada por ter vindo”, ela disse. “Esta é minha sogra, a primeira senhora Hász.” Ela acenou com a cabeça na direção da mulher de preto, que tinha um físico delicado e um rosto de rugas profundas, que Andras achou

adorável, apesar de sua aura de sofrimento; seus olhos cinzentos e grandes irradiavam uma dor serena. Ele fez uma reverência com a cabeça e pronunciou a saudação formal: *Kezét czókolom*, eu beijo sua mão.

A sra. Hász mais velha fez um cumprimento com a cabeça, em resposta. “Pois então o senhor aceitou levar uma encomenda para József”, ela disse. “É muita gentileza de sua parte. Tenho certeza de que já tem muita coisa com que se preocupar sem isso.”

“Não há nenhum problema.”

“Não vamos tomar muito o seu tempo”, disse a sra. Hász mais jovem. “Simon está embrulhando os últimos objetos agora. Vou tocar a campainha para pedir algo para comer enquanto isso. Você parece faminto.”

“Ah, não, por favor, não se incomode”, disse Andras. De fato, o cheiro de torrada fez Andras lembrar que não tinha comido nada o dia inteiro; mas tinha receio de que mesmo a mais leve refeição naquela casa demandasse uma cerimônia demorada, cujas regras eram estranhas a ele. E Andras estava com pressa: seu trem partia dali a três horas.

“Jovens sempre podem esperar”, disse a sra. Hász mais jovem, e chamou a criada para ficar a seu lado. Deu algumas instruções e mandou a mulher agir.

A sra. Hász mais velha saiu da cadeira junto à escrivaninha e convidou Andras a sentar-se a seu lado num dos sofás de cor salmão. Ele sentou-se com receio de que suas calças deixassem uma mancha na seda; precisaria de um guarda-roupa de outro nível para passar uma hora naquela casa, assim parecia-lhe. A sra. Hász mais velha cruzou as mãos finas sobre as pernas e perguntou a Andras o que estudaria em Paris.

“Arquitetura”, respondeu.

“Muito bem. Então vai ser colega de turma de József na Beaux-Arts?”

“Vou estudar na École Spéciale”, disse Andras. “Não na Beaux-Arts.”

A sra. Hász mais jovem instalou-se no sofá em frente. “Na École Spéciale? Não ouvi József falar a respeito dela.”

“É um curso mais profissionalizante do que a Beaux-Arts”, explicou Andras. “Pelo menos, é o que entendi. Tenho uma bolsa de estudos da Izraelita Hitközség. Na verdade, foi um feliz acaso.”

“Um acaso?”

E Andras explicou: o editor de *Passado e Futuro*, a revista onde ele trabalhava, havia apresentado alguns desenhos de capa de Andras para uma exposi-

ção em Paris — uma exposição reservada a jovens artistas da Europa Central. Suas capas tinham sido escolhidas e expostas; um professor da École Spéciale viu a exposição e procurou saber a respeito dele. O editor contou que Andras desejava ser arquiteto, mas que era difícil para estudantes judeus ingressar no curso de arquitetura na Hungria: uma extinta restrição de contingente estudiantil, que na década de 1920 havia limitado o número de estudantes judeus a seis por cento, ainda criava obstáculos na burocracia da matrícula nas universidades húngaras. O professor da École Spéciale escreveu cartas, solicitou à comissão de admissão que aceitasse Andras e lhe desse uma vaga no próximo ano letivo. A associação comunitária de judeus em Budapeste, a Israelita Hitközség, ofereceu a verba para pagar as aulas, o alojamento e a comida. Isso aconteceu em questão de semanas e a todo momento dava a impressão de que tudo podia fracassar. Mas não fracassou; ele estava para partir. Suas aulas começariam dali a seis dias.

“Ah”, disse a sra. Hász mais jovem. “Que sorte! E uma bolsa de estudos também!” Porém, ao dizer aquelas palavras, baixou os olhos e Andras experimentou a volta de um sentimento de seus tempos de escola em Debrecen: uma vergonha repentina, como se tivesse sido despido até ficar apenas com as roupas de baixo. Algumas vezes tinha passado tardes de fins de semana em casas de meninos que moravam no centro da cidade, cujos pais eram banqueiros ou advogados, e que não precisavam andar com famílias pobres — meninos que dormiam sozinhos em suas camas de noite, vestiam camisas passadas a ferro para ir à escola e almoçavam em casa todo dia. Algumas das mães daqueles meninos tratavam Andras com uma piedade solícita, outras com um polido desprazer. Na presença delas, Andras sentira-se nu daquela mesma forma. Mas ele se obrigou a encarar a mãe de József e dizer: “Sim, é mesmo muita sorte”.

“E onde você vai morar em Paris?”

Andras esfregou as palmas molhadas das mãos nos joelhos. “No Quartier Latin, suponho.”

“Mas para onde vai quando chegar lá?”

“Imagino que vá perguntar a alguém onde estudantes conseguem quartos para morar.”

“Mas que absurdo”, disse a sra. Hász mais velha, cobrindo a mão dele com a própria mão. “Você vai para a casa de József, é isso o que vai fazer.”

A sra. Hász mais jovem tossiu e alisou o cabelo. “Não devíamos firmar compromissos para József”, ela disse. “Talvez ele não tenha um quarto de hóspedes.”

“Ah, Elza, você é uma esnobe terrível”, disse a sra. Hász mais velha. “O senhor Lévi está ajudando József. É claro que o rapaz pode dispor de um sofá para ele, pelo menos por alguns dias. Vamos passar um telegrama esta tarde.”

“Aqui estão os sanduíches”, disse a mais jovem, visivelmente aliviada com aquela oportunidade de desviar-se do assunto.

A criada empurrou um carrinho de chá para dentro da sala. Além do serviço de chá, havia uma bandeja de vidro com uma pilha de sanduíches tão brancos que pareciam feitos de neve. Um par de pinças prateadas semelhantes a tesouras jazia ao lado do pedestal, como que para sugerir que sanduíches como aqueles não deveriam ser tocados por mãos humanas. A sra. Hász mais velha pegou as pinças e empilhou sanduíches no prato de Andras, mais do que ele teria ousado pegar para si. Quando a própria sra. Hász mais jovem pegou um sanduíche sem a ajuda das pinças ou dos talheres, Andras tomou coragem para comer um. Consistia de requeijão temperado dentro de um pão branco e macio, cujas cascas tinham sido retiradas. Fatias de pimentão amarelo da finura de folhas de papel forneciam a única indicação de que o sanduíche tinha origem nas fronteiras da Hungria.

Enquanto a sra. Hász mais jovem servia uma xícara de chá para Andras, a mais velha foi até a escrivaninha e pegou um cartão branco sobre o qual pediu que o rapaz escrevesse seu nome e dados de sua viagem. Ela telegrafaria para József, que o esperaria na estação em Paris. Ofereceu a Andras uma caneta de vidro com uma ponta de ouro tão fina que ele ficou com medo de usá-la. O rapaz curvou-se sobre a mesa baixa e escreveu as informações em letra de forma, morto de medo de quebrar a ponta da caneta ou derramar tinta no tapete persa. Em vez disso, manchou os dedos de tinta, fato de que só se deu conta quando olhou para baixo, para seu último sanduíche, e viu que o pão estava manchado de roxo. Andras perguntou-se quanto tempo faltaria para que Simon, quem quer que ele fosse, aparecesse com a caixa que devia levar para József. Um barulho de marteladas vinha de um ponto distante, no fim do corredor; ele torcia para que fosse a caixa sendo fechada.

Pareceu agradar à sra. Hász mais velha ver que Andras havia terminado de comer os sanduíches. Ela ofereceu ao rapaz seu sorriso marcado por sofrimento. “Esta é a primeira vez que vai a Paris, não?”

“Sim”, respondeu Andras. “A primeira vez que saio do país.”

“Não se sinta ofendido pelo meu neto”, ela disse. “É um amor de pessoa, depois que o conhecemos melhor.”

“József é um perfeito cavalheiro”, disse a sra. Hász mais jovem, ruborizando até a raiz de seus cachinhos compactos.

“É gentileza sua telegrafar para ele”, disse Andras.

“Não é nada”, disse a sra. Hász mais velha. Ela escreveu o endereço de József num outro cartão e deu para Andras. Um instante depois, um homem de libré de mordomo entrou na sala de estar com um enorme caixote de madeira nos braços.

“Obrigado, Simon”, disse a sra. Hász mais jovem. “Pode deixá-lo ali.”

O homem colocou o caixote no chão, sobre o tapete, e retirou-se. Andras lançou um olhar para o relógio dourado no consolo da lareira. “Obrigado pelos sanduíches”, ele disse. “Agora é melhor eu ir embora.”

“Fique só mais um pouquinho, se não se importa”, disse a sra. Hász mais velha. “Gostaria de pedir a você que levasse mais uma coisinha.” Foi até a escrivaninha e puxou a carta lacrada que estava debaixo do peso de papel.

“Desculpe-me, senhor Lévi”, disse a mais jovem. Ergueu-se, atravessou a sala na direção da sogra e pôs a mão no braço dela. “Já conversamos sobre isso.”

“Então não vou repetir tudo”, disse a sra. Hász mais velha, baixando a voz. “Tenha a gentileza de tirar sua mão do meu braço, Elza.”

A sra. Hász mais jovem balançou a cabeça. “György teria concordado comigo. Não é sensato.”

“Meu filho é um bom homem, mas nem sempre sabe o que é sensato e o que não é”, disse a mais velha. Desvencilhou o braço com delicadeza da mão da nora, voltou para o sofá de cor salmão e entregou o envelope para Andras. Na frente do envelope estava escrito o nome C. MORGENSTERN e um endereço em Paris.

“É uma mensagem para um amigo da família”, disse a sra. Hász mais velha, com os olhos fixos nos de Andras. “Talvez me julgue excessivamente cautelosa, mas para certos assuntos não confio no correio húngaro. As coisas podem extraviar-se, entende, ou cair em mãos erradas.” Ela manteve o olhar fixo em Andras enquanto falava, parecia pedir-lhe que não fizesse nenhuma pergunta sobre o significado daquilo ou de que assuntos poderiam ser tão delicados a ponto de exigir tamanho grau de cautela. “Se não se importa, prefiro

que não mencione isso a ninguém. Sobretudo a meu neto. Apenas compre um selo e ponha o envelope numa caixa de correio assim que tiver chegado a Paris. Estará fazendo um imenso favor para mim.”

Andras pôs a carta no bolso de dentro do paletó. “Não há nenhum problema”, ele disse.

A sra. Hász mais jovem ficou imóvel e tensa junto à escrivaninha, sua face reluzente por baixo da pátina de pó de arroz. A mão continuava pousada sobre a pilha de livros, como se ela pudesse chamar a carta de volta do outro lado do quarto e colocá-la ali outra vez. Mas não havia nada a fazer, Andras percebeu; a sra. Hász mais velha tinha vencido e a mais jovem agora tinha de agir como se não tivesse ocorrido nada fora do comum. Ela recompôs a expressão do rosto e alisou a saia cinzenta, enquanto voltava para o sofá onde estava Andras.

“Bem”, ela disse, e cruzou as mãos. “Parece que concluímos nossos negócios. Espero que meu filho seja útil a você em Paris.”

“Tenho certeza de que será”, respondeu Andras. “Essa é a caixa que a senhora quer que eu leve?”

“É sim”, respondeu a sra. Hász mais jovem, e acenou com a mão para que ele se aproximasse da caixa.

O caixote de madeira era grande o bastante para conter alguns cestos de piquenique. Quando Andras o levantou, sentiu uma pontada no intestino. Deu alguns passos rumo à porta, coxeando.

“Meu Deus”, disse a sra. Hász mais jovem. “Será que você aguenta?”

Andras arriscou fazer que sim com a cabeça, sem falar nada.

“Ah, não. Você não deve cometer excessos.” Apertou um botão na parede e Simon reapareceu um instante depois. Tomou a caixa de Andras e caminhou a passos largos rumo à porta da frente da casa. Andras foi atrás e a sra. Hász mais velha acompanhou-o até a saída para a rua, onde o carro cinzento e comprido o aguardava. Pelo visto tinham a intenção de transportá-lo até sua casa. Era um carro de fabricação inglesa, um Bentley. Ele gostaria que Tibor estivesse ali para ver.

A sra. Hász mais velha pôs a mão na manga de Andras. “Obrigada por tudo”, ela disse.

“Foi um prazer”, respondeu Andras, e curvou-se em despedida.

Ela apertou o braço do rapaz e entrou na casa; a porta fechou às suas costas sem fazer barulho. Quando o carro andou, Andras viu-se virando a cabeça

para trás a fim de olhar para a casa de novo. Procurou as janelas, inseguro do que esperava ver. Não havia nenhum movimento, nenhuma ondulação da cortina, nem o relance de um rosto. Ele imaginou a sra. Hász mais jovem voltando para a sala de estar numa frustração muda, a mais velha recolhendo-se a uma parte mais recuada da casa por trás daquela fachada cor de manteiga e entrando num quarto cuja mobília estofada parecia sufocá-la, um quarto cujas janelas ofereciam uma vista sem consolo. Andras virou-se para a frente, repousou o braço sobre a caixa destinada a József e deu ao motorista seu endereço na Hárfa Utca, pela última vez.